“Falando De Sexo Sem Vergonha” Dúvidas Dos Educandos E Formação Docente

Antunes, Taine Vandressa ¹, Sant'ana, Izabella Mendes², Fernandes, Hylio Laganá³

Resumo

A sexualidade é considerada como assunto fundamental para o cenário social e pessoal de um indivíduo, além de fazer parte do currículo escolar. O objetivo deste trabalho, como parte da formação docente proposta na disciplina de Estágio Supervisionado, consistiu em levantar as principais dúvidas e concepções referentes à sexualidade entre os estudantes do ensino médio e discutir os aspectos identificados. Foi realizada no período noturno com alunos do ensino médio de uma escola estadual do interior paulista. Como resultados concluiu-se que os adolescentes estão preocupados com as cobranças dos colegas e menos preocupados com a autovalorização e até mesmo com a saúde e bem estar próprios; do ponto de vista da formação docente enfatiza-se a liberdade para agir e os processos reflexivos sobre essa ação como determinantes para o estabelecimento da autonomia do professor.

Palavras Chave

Sexualidade, estudantes, Ensino Médio.

Abstract

Sexuality is considered fundamental to the social and personal setting of an individual subject, besides being part of the school curriculum. This work, as part of the proposed teacher training in the discipline of Supervised consisted in raising major questions and concepts related to sexuality among high school students and discuss the issues identified. Was performed at night with high school students of a public school in São Paulo State. As a result it was concluded that adolescents are concerned with collections of peers and less concerned about self-worth and

¹ Graduanda em Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. Email: taine.bio@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

³ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

even with health and wellness own; the point of view of teacher education emphasizes the freedom to act and reflective processes on this action as determinantess for the establishment of teacher autonomy.

Key-words

Sexuality, students, High school

Introdução

O assunto sexualidade move grandes discussões nos mais diversos cenários sociais, pois além do sexo propriamente dito envolve aspectos referentes a gênero, orientação e papel sexual. *Gênero* relaciona-se ao sexo feminino ou masculino; a *orientação sexual* refere-se à heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade; o *papel sexual* está relacionado com o comportamento esperado culturalmente (Araguaia, 2013). Nessa temática nota-se ainda a presença de certos tabus e preconceitos e há uma grande preocupação na educação escolar com as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), com os aspectos reprodutivos e gravidez na adolescência (UNESCO,2010). Nunes (2005) cita dois níveis de compreensão sobre o sexo: o primeiro seria o sexo *biológico-reprodutivo*, relacionado com questões reprodutivas e macho/fêmea; o segundo seria o *psicossocial* que constitui as diferenças sociais entre masculino e feminino: o menino é educado para ser dominador e forte, a menina para ser submissa e contida.

Os jovens lidam com diversas pressões sociais: de um lado a mídia popular e os colegas incentivam e supervalorizam o sexo, e de outro lado a opressão vinda dos familiares, dos tabus culturais, da religião. A sexualidade está permeada de preceitos éticos e morais que regem as nossas condutas, também dentro das escolas, onde, não raro, norteiam trabalhos de educação sexual (Altmann, 2001; Martins, 2009). A sexualidade suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber (Altmann, 2001).

Esta pesquisa, realizada como parte da formação docente durante um estágio supervisionado, teve o objetivo principal realizar um levantamento das principais dúvidas e discutir concepções sobre sexualidade com estudantes do Ensino Médio (14-17 anos) em uma escola da cidade de Salto, interior de São Paulo, Brasil. A perspectiva formativa, que fundamenta o marco teórico aqui adotado,

pautou-se na não-diretividade das ações (Rogers, 1978), porém estimulando a reflexão nas ações e sobre as ações, num exercício para a autonomia de um professor-pesquisador (Schöm, 1983).

Resultados E Discussão

Os dados para este estudo foram obtidos através de perguntas escritas, depositadas de forma anônima em uma urna, e entrevistas não-estruturadas com os alunos, em atividades desenvolvidas durante o estágio supervisionado na escola; o planejamento das atividades de estágio, assim como as discussões dos resultados, aconteceram em reuniões de orientação, desenvolvidas na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no *campus* da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, Brasil.

Na escola, as dúvidas mais evidentes dos alunos estavam relacionadas com os órgãos sexuais, com várias perguntas repetidas ou similares referentes ao tamanho, largura e aparência, que envolviam: o tamanho ideal do pênis e se isso influenciava no prazer e na ejaculação ou se a vagina “alarga” depois de um tempo ou devido à prática (excessiva) de sexo

Essas perguntas demonstram a preocupação dos alunos com a aparência do órgão sexual e se o mesmo irá agradar a/o parceira/o, além de denotarem certos mitos. Nota-se uma cultura sutilmente imperativa na qual a masculinidade de um homem determina-se pelo tamanho do pênis, o prazer da parceira relaciona-se com o mesmo e os resultados de uma cultura machista na qual a mulher pode sofrer alterações na aparência da vagina, ou seja, essa pode “alargar” se a mesma praticar sexo várias vezes. Pensamentos machistas vêm sendo incutidos pela sociedade em que os alunos enfocados neste estudo vivem desde pequenos. Nunes (2005) afirma que a educação sexual escolar deve ser contra essa expressão sexual tradicional, estereotipada, paternalista e muitas vezes preconceituosa com linguagem depreciativa, notada na expressão dos alunos quando criticam a postura de mulheres que “saem” com vários homens – mas não com homens que saem com várias mulheres.

Os resultados apontam, ainda, que a camisinha é o método contraceptivo mais conhecido e o mais acessível (portanto seria o mais utilizado, embora não tenhamos dados para poder afirmar isso), em segundo lugar os anticoncepcionais de uso oral. O uso do anticoncepcional oral de emergência, popularmente conhecido como a “Pílula do dia Seguinte”, também parece ser

comum entre as jovens entrevistadas, algumas das quais afirmaram já ter usado mais de uma vez. As adolescentes entrevistadas ignoram o fato da alta dosagem hormonal e efeitos colaterais no uso deste medicamento, que é um método de emergência e não um contraceptivo a ser usado frequentemente. O fácil acesso aos anticoncepcionais orais que os jovens têm ajuda a evitar uma gravidez indesejada, mas também anuncia um fator negativo, pois o uso desses medicamentos sem consciência pode ter efeitos colaterais indesejados. Quando questionadas sobre essa postura a maioria das jovens alega que os pais não sabem sobre sua vida sexual.

Entre os meninos entrevistados foi comum acharem que a masturbação é extremamente prejudicial por causar espinhas, dificultar a ereção e favorecer a ejaculação precoce, havendo inclusive comentários tais como *“a masturbação e a perda da virgindade antes do casamento é pecado”* ou que *“masturbação faz crescer pêlos ou antecipa o exame de próstata”*, que aponta uma evidente falta de informações, assim como ranços culturais arcaicos, porém arraigados, que associam sexo ao casamento. Entre as meninas pode-se citar, nesse âmbito de desinformação, o medo em ir ao ginecologista sendo virgem para não perder a virgindade.

Na escola existia apenas uma adolescente grávida no momento da pesquisa; quando questionada sobre o ocorrido ela afirmou: *“Foi burrice minha, pois a camisinha estourou e eu não percebi e acreditei nele quando disse que não havia nada de errado!”*. A frase da adolescente sugere preconceitos relacionados ao gênero em que a gravidez é responsabilidade da mulher, única culpada pelo ocorrido. Essa adolescente tinha sua vida sexual escondida dos pais e afirmou que várias vezes pediu para a mãe leva-la ao ginecologista para que tomasse o anticoncepcional, no entanto, a mãe recusava-se e dizia ser algo apenas de *“mulheres casadas”*. O depoimento dela é interessante e emocionante: afirma que não pretende desistir dos estudos e se diz feliz por ter um filho, mesmo sabendo que a gravidez foi precoce e que esse acontecimento mudará muito sua vida; se diz disposta a assumir a responsabilidade e a dar um futuro para a criança que está para nascer, ao final conclui que acha um erro pais e filhos não dialogarem sobre sexo, pois os adolescentes acabam fazendo escondido.

Um aluno de 15 anos fez considerações importantes, afirmando que por vezes os adolescentes iniciam sua vida sexual cedo por estarem sendo cobrados e satirizados por colegas. Ele perdeu a virgindade em um momento que não julgou

ser o ideal, mas queria deixar de ser “zoadado” pelos amigos. Essa cobrança dos colegas fez com que ele se arrependesse dessa atitude e, segundo ele, a mídia ajuda, pois na televisão parece que tudo é permitido e que quem “não faz sexo” é “o estranho”. Uma jovem da mesma idade diz sofrer frequentemente com as brincadeiras e comentários dos colegas sobre sua decisão em perder a virgindade depois do casamento, e prefere se isolar, pois diz que “*é ruim ser criticada pelo o que eu acredito*”.

Alunas do 3º ano afirmaram não querer fazer “tudo” e sim somente aquilo que lhes faz bem e lhes dá prazer, no entanto, segundo elas “o namorado cobra”, e elas afirmam ceder a certas práticas em uma tentativa de “agradar ao namorado” mesmo que isso lhes desagrade.

Concluiu-se que os adolescentes estão preocupados com seu corpo e com as cobranças dos colegas, no entanto, pouco preocupados com a autovalorização, o respeito mútuo e o prazer, pois é fundamental sentirem-se a vontade com seu corpo e praticar sexo pensando também na saúde, destacando nesse momento não apenas as DSTs, mas sim a verdadeira valorização, aceitação e preocupação com o bem estar do seu corpo e pessoal.

As questões relacionadas à sexualidade evoluíram bastante nos últimos anos, porém há muito a se construir e muitos *tabus*, desinformações e preconceitos precisam ser derrubados. Estamos em um momento cujo sexo e as questões referentes à sexualidade soam ambigualmente na cultura brasileira: por um lado o sexo é estimulado, sobretudo entre os meninos; por outro é reprimido, ainda é considerado pecaminoso, sobretudo para as meninas. É nessa cultura, ainda acentuadamente machista mas com roupagem liberal, que os jovens enfocados neste trabalho estão descobrindo seus corpos e sua sexualidade, lidando com as informações ambíguas que os atingem.

É fundamental falar de sexualidade envolvendo todas as dimensões, incluindo-se Gênero, Orientação Sexual e Papel Sexual (Ararguaia 2001); Nunes (2005) afirma que a educação sexual, em seu sentido mais profundo, não é apenas uma questão técnica, mas uma questão social, estrutural e histórica, como parece ter ficado claro a partir de nossas considerações. Considerando a formação docente, que afinal é o principal escopo do estágio supervisionado analisado neste trabalho, temos algumas considerações a tecer:

A primeira diz respeito ao processo desenvolvido na escola, que parte das concepções dos adolescentes sobre essa temática, que a futura professora teve ciência através de perguntas escritas e conversas com os alunos: a partir desse contato próximo que a futura professora pode refletir sobre a melhor forma de abordar a sexualidade e as informações mais prementes a serem tratadas com cada grupo, retornando após cada intervenção com novas informações que levaram a outras reflexões e proposta de ações. Esse movimento ação-reflexão-ação, que encaminha para um modo de ser professor-pesquisador (Schöm, 1983), promove uma formação que permite ao professor atuar de modo dinâmico e adequado às diferentes realidades que encontrará em sua vida profissional.

A segunda questão, de cunho formativo mais amplo, diz respeito ao modo como foi conduzida a orientação: adotando as perspectivas do respeito e não diretividade (Rogers, 1978), temos como resultante a liberdade que a licencianda encontrou para desenvolver seu trabalho, podendo atuar da maneira que julgou mais adequada, consciente de sua responsabilidade consigo mesma, com a própria formação; um caminho que leva para a autonomia, considerada fundamental na constituição docente.

Esse trabalho contribuiu efetivamente para a formação da licencianda, proporcionando a possibilidade de estar na sala de aula, em contato com os educandos, e refletir sobre suas ações, replanejar, encontrar os melhores caminhos. A liberdade para aprender, elaborando o próprio planejamento e refletindo sobre os resultados observados, num exercício prático vivencial reflexivo, pautado nas concepções de Rogers (1978) e Schom (1983), conduziram a uma formação docente autônoma, que deve proporcionar qualidade ao magistério para a futura professora.

Referência Bibliográficas

- Altmann, H. (2001). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, v. 9 (2), 575-585.
- Altmann, H. & Martins, C. J.(2009). *Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia*. Curitiba: Editora UFPR.
- Araguaia, M. (s/d). *Orientação sexual*. – Disponível em: <
<http://www.brasilecola.com/sexualidade/orientacao-sexual.htm>>.

Nunes, C. A. (2005). *Desvendando a Sexualidade*. Campinas: Papirus.

Rogers, C. R. (1978) *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte, Interlivros

Schöm, D.A. (1983) *The Reflective Practitioner: how professionals think in action*
London, Temple Smith

UNESCO (2010). *Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*, v.1. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>>.